

DIZER E DESDIZER: A CONTRADIÇÃO PELA PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE¹

SAYING AND UNSAY: CONTRADICTION FROM THE PERSPECTIVE OF PSYCHOANALYSIS

Amanda Mont'Alvão VELOSO Rabelo
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC / SP)
amanda.monveloso@gmail.com

RESUMO: O presente artigo busca oferecer validação teórica, extraída do campo da psicanálise, para a esperada incidência de contradições ditas pelos analisandos no processo analítico e recolhidas pelo procedimento da escuta flutuante herdado de Freud. Admitidas e sustentadas por esta orientação teórico-clínica que reconhece o conflito como inerente ao sujeito, as contradições revelam a divisão constitutiva que nos qualifica como seres falantes e denotam a legitimidade desses dizeres, ao contrário do entendimento, por parte da tradição filosófica ocidental, de que elas apontam para uma fragilidade do falante.

PALAVRAS-CHAVE: contradições; dizeres na clínica; inconsciente; Sigmund Freud; psicanálise.

ABSTRACT: *The present article seeks to offer theoretical validation, extracted from the field of psychoanalysis, for the expected incidence of contradictions said by the patients in the analytic process and collected by the procedure of floating attention that we inherited from Freud. Admitted and supported by this theoretical-clinical orientation that recognizes the conflict as inherent to the subject, the contradictions reveal the constitutive division that qualifies us as speaking beings and denote the legitimacy of these sayings, contrary to the understanding, on the part of the Western philosophical tradition, that they point to a weakness of the speaker.*

KEYWORDS: *contradictions; sayings at the clinic; unconscious; Sigmund Freud; psychoanalysis.*

¹ O presente artigo traz algumas das discussões abordadas por minha dissertação de mestrado *Inconsistências no dizer: contradição e psicanálise*, orientada pela professora doutora Maria Francisca Lier-DeVitto e defendida em 2020, no programa de pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP.

Rabelo VELOSO, Amanda Mont'Alvão. Dizer e desdizer: a contradição pela perspectiva da psicanálise. *Revista Intercâmbio*, v.L: 164-176. 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Por 30 anos as pessoas têm me perguntado como eu concilio X com Y. A verdade é que não faço isso. Tudo sobre mim é uma contradição, assim como todo mundo. Somos feitos de oposições, vivemos entre dois polos. (...) Você não harmoniza os polos. Você simplesmente os reconhece.

Orson Welles, entrevista à Playboy, 1967²

1. Introdução

Presentes nas falas e atitudes mais corriqueiras, as contradições nos dizeres e nas atitudes humanas historicamente trazem o problema da verdade e da consistência. Desde Aristóteles (384/383 A. C. - 322 A. C.), a tradição filosófica ocidental justificadamente aborda a contradição como um impasse que exige resolução³, devendo uma das afirmações ser apontada como verídica, enquanto a outra tem de ser descartada.

Esse aspecto de verdade comprometida é enfatizado por Carlos Cirne-Lima (1996), filósofo brasileiro dedicado ao estudo das contradições:

Alguém se contradiz quando diz algo determinado mas simultaneamente se desdiz, afirmando a verdade do contrário. **Contradição é afirmar simultaneamente a verdade de "p" e de "não p"**. O "p" exclui a afirmação da verdade de "não p". Uma antiga formulação da Lógica diz: duas proposições contraditoriamente opostas não podem ser simultaneamente verdadeiras, nem simultaneamente falsas. Se uma é verdadeira, a outra necessariamente é falsa. (CIRNE-LIMA, 1996:16, grifo meu).

Em paralelo ao confronto entre "p" e "não p" enunciado por Cirne-Lima, da fórmula "X ou Y" evocada por Orson Welles não podem restar X e Y, assim como a presença simultânea de dizeres antagônicos implica que apenas um deles pode ter validade, enquanto o outro denuncia a inconsistência e a ausência de integridade do falante.

Em esferas que respondem às regras da racionalidade, como o Jornalismo e o Direito, relatos contraditórios declaram a suspensão da credibilidade daqueles que se contradizem, como uma marca de discurso que os desqualifica enquanto portadores da verdade. Apresentei exemplos dessas ocorrências em minha dissertação de mestrado, e apontei para o efeito desfavorável recolhido diante destas flagrantes e, por vezes, inafiançáveis contradições. Conforme afirmei naquela ocasião (RABELO, 2020:12), "perde-se certa autoridade quando a contradição deixa cair o inesperado de cada um".

² Entrevista de Orson Welles concedida a Kenneth Tynan, em 1967, e presente no prefácio de Orson Welles, Volume 1: *The Road to Xanadu* (1996). Tradução minha.

³ Cabe ressaltar que as decisões sobre a contradição são governadas pelo princípio aristotélico da não-contradição, ou seja, pelo peso de uma lei que institui as condições para que um pensamento, uma ideia, uma teoria e uma afirmação sejam válidas.

No entanto, a experiência humana não cessa de produzir contradições que são assinaladas em nossa fala, atos, teorias e discursos. Significativamente, no contexto da clínica psicanalítica, a contradição se apresenta sem estranhamento ou sobressaltos. Ao trazer à tona uma lembrança da mãe suscitada pela associação livre, um analisando falou de seu receio de ela fazer alguma retaliação caso ele decida sair da casa dos pais. O pensamento decorreu de uma fala sobre o medo de tomar a decisão de morar sozinho, e foi também encadeado à afirmação de que os pais dão plena liberdade para suas escolhas e jamais faziam cobranças.

Outra analisanda diz que pede a opinião dos pais com frequência antes de fazer uma escolha, pois considera que a experiência deles pode contribuir para a resolução de sua dúvida. Ela também afirma que não precisa do parecer alheio, já que é adulta e tem condições de tomar decisões sobre si.

As vinhetas clínicas acima não deixam dúvidas de que as afirmações rompem a coerência esperada no discurso pelos próprios pacientes e trazem a fenda entre o que se diz e o que se intencionava sustentar. No primeiro recorte, é compartilhada uma imagem de liberdade perante a figura da mãe; no segundo, cultiva-se a ideia de independência na hora de tomar decisões. Ao se contradizerem, esses analisandos trazem à superfície, pela fala, uma outra posição ocupada na relação com o outro, e tal revelação só pode ser mantida se a contradição for aceita, ou seja, escutada. Neste sentido, faço menção à captura das contradições na clínica por meio da escuta flutuante, dispositivo criado por Freud ([1912] 2017) para acolher as surpresas e imprevisibilidades de uma fala. Ressalto que o método clínico psicanalítico está em oposição ao método científico, em que a escuta é orientada por um foco, ou seja, uma questão a investigar.

Sendo a contradição caracterizada como um milenar espaço de "disputa" de onde deve sair apenas um "vencedor", chama a atenção que, na clínica, os embates entre dito e contradito estabelecem a permanência de ambos. Não possuir o domínio sobre aquilo que se diz é atestado importante sobre as manifestações do inconsciente, e, portanto, de que estamos diante de um falante. Tal realidade nos leva a cogitar que a Psicanálise pode oferecer alguma teorização que dê conta da legitimidade das contradições enquanto porta-vozes incondicionais da verdade do sujeito. Ao definir a "realização da verdade do sujeito", Lacan ([1953-1954] 2009:33) demarca o caráter próprio e original que cada um dá à noção de realidade. É importante frisar aqui, a partir deste exemplo lacaniano e da teoria freudiana do inconsciente, que a verdade para a Psicanálise não coincide com a verdade para a Lógica⁴.

⁴ Remeto os leitores à tese *Erro de pessoa: levantamento de questões sobre o equívoco em aquisição da linguagem*, de Glória Maria Monteiro de Carvalho (1995), em que a autora traz importantes discussões sobre o erro e a verdade a partir do trabalho do lógico brasileiro Newton da Costa.

O problema da contradição é amplamente abordado pelos campos da Filosofia, Lógica, Educação, Ciências Sociais, Letras e Serviço Social. Destaco o olhar inovador do matemático, lógico e filósofo brasileiro Newton da Costa (1986, 2000, 2008 e outros), que, a despeito da hegemonia⁵ paralisante do pensamento aristotélico, criou a lógica paraconsistente, que admite as contradições e que sustenta formulações que derrogam o princípio da não-contradição.

O tema da contradição é perscrutado em trabalhos no campo da Psicanálise, como os de Silva (2019), Checchia (2004), D'Agord (2006) e Shimabukuro (2019), mas com recortes específicos que servem a uma outra temática principal. Dessa forma, permanece pulsante o questionamento sobre os fundamentos para que alguém diga algo e simultaneamente afirme o contrário disso.

Este artigo propõe, então, expor os resultados de uma busca teórica, mobilizada por registros clínicos e cotidianos, pela validação, na linguagem, de dizeres simultaneamente contrários. Enquanto a lógica clássica determina a superação necessária da contradição como passaporte da verdade, encontramos na Psicanálise fundada por Freud o reconhecimento de uma marca humana, conforme afirmado por ele em 1916, durante suas "Conferências introdutórias sobre a Psicanálise":

É importante que se comece logo a levar em consideração que a vida psíquica é praça e campo de batalha para tendências opostas, ou, expresso em termos não dinâmicos, ela se compõe de contradições e pares de oposições. Comprovar a presença de determinada tendência **não significa excluir outra, oposta a ela: há lugar suficiente para ambas**. Tudo depende de como essas oposições se posicionam umas em relação às outras, que efeitos decorrem de uma e de outra. (FREUD, [1916] 2014:103-104, grifo meu).

Pretendo, a partir da escuta clínica e do aporte teórico de Sigmund Freud (1856 - 1939), apresentar neste artigo fundamentos psicanalíticos da contradição como dado de subjetividade.

2. Dizer e desdizer

Nas conjunturas externas ao consultório, especialmente nos laços sociais que constituem as relações pessoais e profissionais, as contradições manifestam, por meio do discurso, o conflito existente entre a autoimagem suposta pelo imaginário⁶ do sujeito, bem como

⁵ Para se entender a hegemonia de Aristóteles no campo do pensamento, Krause (2017:28) ressalta que o princípio da não-contradição era considerado "o mais seguro de todos os princípios" e que "não poderia ser de forma alguma violado". Foi só no fim do século 19 que soluções não-aristotélicas passaram a ser aventadas. Aprofundo esta mudança histórica em minha dissertação.

⁶ Trata-se do registro lacaniano do imaginário, que denota a dimensão ilusória do Eu. O entrelaçamento dos três registros da realidade humana – imaginário, simbólico e real – constitui o nó borromeano.

uma rachadura em sua suposta coerência. Nestes contextos, portanto, as contradições assumem um caráter indesejável.

Curiosamente, a recepção dos analisandos às próprias contradições na clínica é de outra ordem, conforme apontei em momento anterior (RABELO, 2020:17-18). Elas circulam na fala sem objeções e, uma vez apontadas pela escuta do analista, são reconhecidas – um movimento de autoria diverso daquele que testemunhamos na escuta dos atos falhos. Perceber a própria contradição por vezes traz uma surpresa ao falante, que se questiona sobre qual afirmação seria “verdadeira” e qual seria “falsa”. A pergunta, ainda que válida, permanece rica se deixada em aberto, já que os dizeres devem ser acolhidos em sua legitimidade.

Escutar a contradição impõe, portanto, uma escuta “ao pé da letra”, alinhada ao que é efetivamente dito, como destaca o psicanalista norte-americano Bruce Fink (2018):

Obedecer à “letra da lei” pode significar que se segue literalmente o que está escrito no texto da lei, sem preocupação com o espírito no qual ela foi redigida. Lacan prestava enorme atenção à letra do discurso de seus analisandos: ao que eles de fato diziam, em contraste com o que o pretendiam ou tencionavam conscientemente dizer. (FINK, 2018:36)

Mesmo que haja uma tentativa, por parte do analisando, de esclarecer suas intenções racionais com a familiar estrutura “na verdade, eu quis dizer que...”, igualmente utilizada diante dos atos falhos, é sobre a fala não controlada que incide a escuta.

Retificar o que se acaba de dizer corresponde ao anseio imaginário pela transmissão original, aquela que supostamente é livre de conflitos. Mas, em análise, sabemos que expressões simultâneas de querer e não querer são autênticas e falam a língua do desejo.

Inescapáveis e recorrentes, as contradições apontam para limiares quanto à sua aceitação: não são admitidas quando operam sob a tradição do sujeito epistêmico⁷ do pensamento ocidental, conforme pressupostos da lógica clássica e da racionalidade. Deste sujeito, espera-se unicidade e coerência, embora ele se apresente como alguém que não possui domínio sobre a fala e os pensamentos.

Por outro lado, na clínica elas não só desfrutam de escuta como assinalam a divisão que caracteriza o ser falante. Pretendo, nos parágrafos a seguir, indicar o sistema que avaliza a contradição e, por conseguinte, explicita a ilusória consistência dos sujeitos.

⁷ Também conhecido como sujeito do conhecimento, o sujeito epistêmico constrói conhecimento sobre a realidade e supõe controlar aquilo que diz.

3. Inconsciente, inconsistência

O sujeito pelo qual a Psicanálise se interessa é justamente este que desconhece sobre si, ou seja, um sujeito que é efeito de seu inconsciente. Trago Garcia-Roza para esta argumentação:

Contra a unidade do sujeito defendida pelo racionalismo, a psicanálise vai nos apontar um sujeito fendido: aquele que faz uso da palavra e diz 'eu penso', 'eu sou', e que é identificado por Lacan como sujeito do enunciado (ou sujeito do significado), e aquele outro, sujeito da enunciação⁸ (ou sujeito do significante), que se coloca como excêntrico ao sujeito do enunciado. (Garcia-Roza, 1985:23).

O que Garcia-Roza explicita é que nesta "duplicidade de sujeito", enunciado e enunciação partilham da mesma origem subjetiva, mas alcançam destinos diferentes e irreconciliáveis. Tal bifurcação, que implica nos intoleráveis erros, contradições e vacilações para a lógica clássica, só pode ser admitida pela lógica do inconsciente. Este desencontro consigo mesmo é, para Freud ([1917] 2014), constitutivo dos seres humanos e expressa os incessantes conflitos que caracterizam nossas vidas.

Assim como as conhecidas formações do inconsciente – sonhos, sintomas, chistes, atos falhos e esquecimentos –, a contradição assegura que um sujeito possa "experimentar o outro de si" (RABELO, 2020:20); isto é, dizer de si e se desdizer com a mesma validade.

Em que pese o conflito⁹ seja o cerne da relação do sujeito consigo e com o outro, a noção de contradição não constitui um conceito para a Psicanálise. No entanto, chamam a atenção suas recorrentes incidências ao longo da obra de Freud, conforme pesquisa realizada por esta autora e publicada em 2020. A mais notável destas ocorrências aparece já na fundação da Psicanálise, no texto "A interpretação dos sonhos", de 1900. Nele, o autor sustenta que nas formações oníricas "há uma preferência especial por reunir ou representar numa unidade as contradições" (FREUD, [1900] 2019:360).

As ocorrências nominais da contradição percorrem praticamente toda a obra de Freud, inclusive seu inacabado "Compêndio de Psicanálise", publicado após sua morte. Identifiquei cada uma delas no capítulo "A contradição e a subjetividade" de minha dissertação, para onde remeto os leitores.

Sem a intenção de fazer um levantamento exaustivo dos momentos em que a contradição é reconhecida como dado de subjetividade,

⁸ Conforme apontei anteriormente (RABELO, 2020:20) por meio de Lacan ([1960] 1998), o sujeito do enunciado parte de uma ideia de imagem unificada e supõe deter o controle e a significação daquilo que fala. Porém, no ato da fala quem aparece é o sujeito da enunciação, dividido e desconhecedor de si.

⁹ O conflito, para a Psicanálise, é entendido como constitutivo dos sujeitos, uma vez que marca a divisão psíquica e expressa a oposição entre desejos e exigências internas imprimida pela dinâmica pulsional. Desta forma, certos desejos contradizem uns aos outros.

atenho-me neste artigo a analisar o tema a partir dos fundamentos psicanalíticos que notadamente sustentam a divisão e o dissenso.

Instituída em um ambiente em que razão e consciência imperavam, a hipótese do inconsciente lançada por Freud legou à consciência o lugar "da mentira, do ocultamento, da distorção e da ilusão" (GARCIA-ROZA, 1985:21).

Tal hipótese, apresentada como primeira e segunda tópicos, abrange a descrição e a constituição de um aparelho anímico, além de suas operações. A divisão psíquica se revelava tanto pelas instâncias do Consciente/Pré-Consciente e Inconsciente que inauguram a Psicanálise, quanto pelas províncias do Eu, Isso e Supereu, formalizadas a partir da década de 1920.

Tais sistematizações organizam a fundamental ruptura freudiana com a então vigente assunção de que a consciência era responsável por toda a atividade mental do sujeito. A própria atividade humana denunciava que muito de sua existência ficava de fora deste campo de análise. Se perscrutadas por uma lógica consciente, as lacunas, indefinições, irregularidades e sombras do sujeito restam incompreensíveis e sem sentido. Porém, quando analisadas sob a perspectiva do inconsciente, uma lógica e uma estrutura correspondentes emergem, aptas a abraçar o contraditório, o absurdo e o ilógico.

Freud apostou que havia algo além da experiência imediata e racional. Conforme mencionei em ocasião anterior (RABELO, 2020:81), esta aposta foi justificada pelo método analítico, que demonstrava os efeitos do inconsciente a partir da fala e destituía a "inadequada identificação convencional entre o psíquico e o consciente" (FREUD, [1915a] 2010:101-102).

Anteriores à sistematização do inconsciente e a qualquer inscrição no aparelho psíquico (FREUD, [1915b] 2015), as pulsões¹⁰ trazem em sua origem a marca da contradição. Os arranjos pulsionais que resultam na diversidade e pluralidade das formas de viver de um sujeito trazem em suas composições combinações ou contradições entre si, como constatamos na permanente correlação entre as duas pulsões elementares¹¹ – pulsão de vida e pulsão de destruição –, cujos objetivos são a ligação e a dissolução, respectivamente.

¹⁰ Freud ([1915b] 2015:25) define a pulsão como um conceito situado entre o anímico e o somático, como representante de um estímulo bastante específico – e insistente – para o psíquico. Os estímulos pulsionais não advêm do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo, e possuem uma força (ou pressão) constante, sempre em busca de satisfação. Por atacar deste espaço interno, não é possível fugir de sua eficácia. As pulsões respondem, segundo Iannini e Tavares (2015), pelos arranjos de nossas escolhas, desejos e fantasias.

¹¹ O número de pulsões é indeterminado, mas elas podem ser agrupadas em duas pulsões fundamentais, Eros (pulsão de vida) e pulsão de destruição. Ressalto a característica das pulsões de poderem mudar sua meta ou se substituírem, transferindo energia de uma para a outra.

O exemplo dado por Freud ([1940] 2014:25) é patente: "O ato de comer é uma destruição do objeto com a finalidade da incorporação, e o ato sexual, uma agressão com a intenção da mais íntima unificação." Desta forma, expressões contraditórias e desconcertantes do humano (RABELO, 2020) podem remeter às possibilidades pulsionais de mudança da meta de satisfação, a exemplo de empuxos sexualmente agressivos convertidos em arte, ou a conhecida transformação do amor em ódio. Freud assim descreve os desejos mortíferos que o pequeno Hans, de "índole extraordinariamente bondosa e terna", encaminha ao pai:

Hans também ama profundamente o pai, por quem nutre esses desejos de morte, e, enquanto sua inteligência põe reparos à contradição, ele não pode deixar de provar a existência dela, batendo no pai e, logo em seguida, beijando o lugar acertado. Também nós não devemos nos escandalizar com essa contradição; é desses pares de opostos que se compõe a vida emocional do ser humano; e talvez não chegasse a haver repressão e neurose, se assim não fosse. (FREUD, [1909] 2015:246).

Vemos, então, que o psiquismo é repleto de combinações contraditórias oriundas das pulsões em seus percursos ora lineares, ora desviantes em direção à satisfação pulsional. Cai o ideal de unificação e previsibilidade presumido de um sujeito, enquanto testemunhamos a impossibilidade de rejeitar as contradições que assinam nossa subjetivação.

4. Uma outra lógica

Aventada diante dos enigmas (sintomáticos) da histeria e (ordinários) dos sonhos, a hipótese do inconsciente trouxe para o primeiro plano os restos, margens e desconexões que constituíam quebras na pretensa regularidade humana regida pela consciência. Analisando a produção onírica por meio de uma recém-criada técnica psicanalítica de interpretação do relato dos sonhadores, Freud ([1900] 2019) constatou um elaborado encadeamento de pensamentos diurnos, lembranças acessíveis e desejos inconscientes que veiculava contradições.

No entanto, elas só são assim reconhecidas por meio dos relatos, ou seja, a partir da interpretação, que reordena os conteúdos oníricos à lógica da vida acordada. A aparência ilógica e incongruente dos sonhos vem de processos como a condensação, o deslocamento e a elaboração secundária, responsáveis por submeter o material onírico às censuras, deformações e disfarces exigidos para seu acesso à consciência – nota-se que há uma complexa estruturação destinada a proteger os desejos inconscientes.

Tais transformações operadas na formação de um sonho modificam inclusive as relações lógicas que estavam presentes nos pensamentos

Rabelo VELOSO, Amanda Mont'Alvão. Dizer e desdizer: a contradição pela perspectiva da psicanálise. *Revista Intercâmbio*, v.L: 164-176. 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

oníricos. Como Freud ([1900] 2019) nos lembra, o sonho não dispõe de meios de representação para essas relações e abdica de conjunções como “então”, “porque”, “embora” e “como”, o que resulta em uma impossibilidade de representar objeções, explicações, demonstrações ou condições. É com este propositado desarranjo que vemos ilustrada a afirmação freudiana de que

O modo como os sonhos lidam com a categoria da oposição e contradição é bastante notável. Ela é simplesmente ignorada, o “não” parece não existir para os sonhos. Há uma preferência especial por reunir ou representar numa unidade as contradições. (FREUD, [1900] 2019:360).

A reunião de elementos incompatíveis é própria da peculiar sintaxe dos sonhos. Os pensamentos oníricos essenciais, que fornecem o “roteiro” para as produções oníricas, são assim descritos por Freud:

[...] se revelam como um complexo de pensamentos e lembranças de estrutura bastante intrincada, com todas as características das sequências de pensamentos do estado de vigília. Não é raro se tratar de sequências que partem de vários centros, mas que apresentam pontos de contato; quase sempre uma sequência de pensamentos possui sua contrapartida contrária, vinculada a ela mediante associação por contraste. (FREUD, [1900] 2019:353, grifo meu).

Trata-se de matéria-prima essencialmente apta à produção de narrativas oníricas em que a contradição persiste, à revelia da lógica clássica, especialmente porque esses pensamentos dispensam as “exigências lógicas que permitem dar coerência às nossas palavras e ações na vigília” (RABELO, 2020:116).

É na interpretação, em que submetemos o relato às premissas da lógica clássica que regem a comunicação, que podemos, então, “restaurar os laços destruídos pelo trabalho do sonho” (FREUD, [1900] 2019:354) e recuperar as relações de lógica presentes nos pensamentos.

Se a contradição habitualmente solicita que se delibere sobre *uma afirmação ou a outra*, nos sonhos a formulação “ou... ou” sequer pode ser expressada, de forma que os dois termos enunciados se tornam igualmente válidos. Vejamos como Freud demonstra que a alternativa só chega aos pensamentos oníricos após a interpretação:

Seus pensamentos latentes dizem: “Não sou responsável pela persistência das dores de Irma; a culpa está ou em sua recusa de aceitar a solução ou no fato de ela viver em condições sexuais desfavoráveis, que não posso mudar, ou suas dores não são absolutamente de natureza histérica, mas orgânica”. O sonho, porém, realiza todas essas possibilidades, que quase se excluem mutuamente, e não hesita em acrescentar uma quarta solução derivada do desejo onírico. (FREUD, [1900] 2019:358).

Rabelo VELOSO, Amanda Mont'Alvão. Dizer e desdizer: a contradição pela perspectiva da psicanálise. *Revista Intercâmbio*, v.L: 164-176. 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Em vez da exclusão, o acréscimo. Quando relatos de sonho trazem a alternativa "ou... ou", Freud orienta que a conjunção seja substituída por "e", em uma relação de adição, e as opções devem ser interpretadas como equivalentes. A formulação "ou... ou" indica a existência de "um aspecto vago de um elemento do sonho que ainda pode ser esclarecido" ([1900] 2019:359), a exemplo de um sonho que ele tivera na véspera do enterro do pai, em que lia, nas estações de trem, os dizeres

Solicita-se que fechem os olhos
ou
Solicita-se que fechem um olho.
(FREUD, [1900] 2019:359).

Atentemos para a interpretação do relato:

Eu havia escolhido a cerimônia mais simples possível, pois sabia o que o falecido pensava sobre esses eventos. Mas outros membros da família não concordavam com essa simplicidade puritana; afirmavam que sentiriam vergonha antes as pessoas presentes no funeral. Por isso, uma versão do sonho pede que se "fechem os olhos", isto é, que se seja indulgente. Nesse caso particularmente fácil ver o significado da indistinção caracterizada por "ou... ou". (FREUD, [1900] 2019:359-360).

Pela via da interpretação é acrescentada uma outra versão possível àquela já considerada, sendo ambas validadas, cada uma com seu próprio sentido e caminhos diferentes.

Com isso, a Psicanálise rompe com a lógica dominante do *é isso ou aquilo* e propõe uma outra, a do *isso e aquilo* (RABELO, 2020). Logo se vê que a estrutura de formação dos sonhos, que serviu a Freud o modelo para pensar todo o funcionamento psíquico dos humanos, é articulada de modo a não excluir as contradições. Na lógica do inconsciente, em que as conjunções da lógica clássica desaparecem, os elementos são deformados, as pulsões combinam elementos opostos e a divisão é a fenda originária das existências, o sujeito não pode produzir outra coisa que não a contradição.

5. Algumas considerações

Busquei apresentar, nos segmentos anteriores, caracterizações recolhidas da teorização que Freud fez sobre a formação dos sonhos, o funcionamento pulsional e os sistemas e províncias do psiquismo para argumentar como a Psicanálise, em movimento oposto à tradição aristotélica do pensamento ocidental, não busca superar as contradições e exclui-las do campo da verdade por escutar nelas as marcas de subjetividade do sujeito, que é essencialmente dividido e submetido às leis de uma outra lógica, a do inconsciente.

Rabelo VELOSO, Amanda Mont'Alvão. Dizer e desdizer: a contradição pela perspectiva da psicanálise. *Revista Intercâmbio*, v.L: 164-176. 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Chama a atenção que o tema da contradição percorra a obra de Freud do fim dos anos 1890 até seus escritos publicados postumamente, em 1940. Ainda que inexista como conceito, a contradição parece ocupar papel primordial nas subjetivações humanas apresentadas nas obras a partir de observações clínicas e formulações teóricas. Sendo a clínica o empuxo primordial à teoria psicanalítica, não surpreende que as contradições que movimentam este trabalho teórico circulem fartamente e sem vetos no dispositivo de escuta das verdades mais íntimas dos sujeitos.

Referências bibliográficas

CALLOW, S. *Orson Welles, Volume 1: The Road to Xanadu*. Londres: Vintage, 1996.

CARVALHO, Gloria Maria Monteiro de. *Erro de pessoa: levantamento de questões sobre o equivoco em aquisição da linguagem*. 1995. 155f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CHECCHIA, M. A. *Considerações iniciais sobre lógica e teoria lacaniana*. *Psicologia USP (Impresso)*, 15.1/2: 321-338, São Paulo: 2004.

CIRNE-LIMA, C. R. V. *Sobre a contradição*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

D'AGORD, M. *A negação lógica e a lógica do sujeito*. *Ágora*. 9.2: 241-258, Rio de Janeiro: 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2019.

FINK, B. *Introdução clínica à psicanálise lacaniana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FREUD, S. (1900) A interpretação dos sonhos. *In: Obras Completas, volume 4 (1900)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, S. (1909) Análise da fobia de um garoto de cinco anos. *In: Obras Completas, volume 8 (1906-1909)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. (1912) Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. *In: Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Rabelo VELOSO, Amanda Mont'Alvão. Dizer e desdizer: a contradição pela perspectiva da psicanálise. *Revista Intercâmbio*, v.L: 164-176. 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

FREUD, S. (1915a) O inconsciente. *In: Obras Completas, volume 12 (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1915b) *As pulsões e seus destinos*. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREUD, S. (1916-1917) Conferências introdutórias à Psicanálise. *In: Obras Completas, volume 13 (1916-1917)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. (1940) Compêndio de Psicanálise. *In: Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados*. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. Apresentação. *In: FREUD, S. As pulsões e seus destinos*. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

KRAUSE, D. Prefácio. *In: GOMES, E.L.; D'OTTAVIANO, I.M.L. Para além das Colunas de Hércules, uma história da para consistência: de Heráclito a Newton da Costa*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

LACAN, J. (1953-1954) *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. 2. ed. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Tradução de Vera Ribeiro.

RABELO, A.M.V. *Inconsistências no dizer: contradição e psicanálise*. Dissertação. [Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem] – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

SHIMABUKURO, F. *O inconsciente e a lógica a partir de Freud e Lacan*. *Ágora*. 22.2: 200-208, Rio de Janeiro, 2019.

Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982019000200200&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 6 mar. 2020.

Rabelo VELOSO, Amanda Mont'Alvão. Dizer e desdizer: a contradição pela perspectiva da psicanálise. *Revista Intercâmbio*, v.L: 164-176. 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

SILVA, M. L. *A conjectura lógica de Jacques Lacan: a lógica como ciência do real*. Tese. (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

Recebido em 22/11/2021
Aprovado em 20/05/2022